

TODOROV, Tzvetan. **Nós e os Outros. A reflexão francesa sobre a diversidade humana.** Trad. Sergio Goes de Paula. 194pp. Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1993.

Ricardo Musse*

Ao se debruçar novamente sobre o tema da diversidade humana, aprofundando a questão do seu livro anterior *A conquista da América*, pela investigação da relação entre *nós* - "o meu grupo cultural e social" - e os *outros* - "aqueles que não fazem parte dele", Todorov não apenas muda de gênero - abandonando os estudos lingüísticos e literários, que tomaram-no famoso, em favor da história dos pensamentos - num trabalho, em última análise, de filosofia política e moral, mas também rompe com uma série de dogmas intelectuais, o estruturalismo, em cuja obediência estrita construiu outrora a sua obra.

A reflexão francesa sobre a diversidade humana é abordada aqui tanto de uma perspectiva temática - o etnocentrismo, o cientificismo, o racismo, o racialismo, a moderação, etc. -, quanto a partir dos pontos de vista de autores clássicos: Montaigne, Rousseau, Renan, Gobineau, Tocqueville, Montesquieu, etc. Tal reconstrução da história intelectual francesa, porém, está longe de ser uma mera exposição didática e escolar de obras ou de temas. Uma vez traçado o recorte temático, os autores - por mais distante que estejam de nós no tempo - são confrontado não só com outras doutrinas filosóficas, mas com as próprias exigências da realidade francesa atual. São questões como a unificação européia, a reação ao imigrante, a miscigenação cultural, etc.. que determinam as avaliações recorrentes no texto de Todorov.

O nexa entre a realidade e a tradição clássica, entretanto, está mediatizado por uma construção teórica que apesar de não ser nunca explicitada, só escapa aos muito desavisados (nesta categoria incluo, obviamente, apenas os resenhistas de nossos principais matutinos). Todorov elabora simultaneamente ao seu discurso crítico as premissas de uma ideologia afirmativa, o "neo-humanismo", que constitui, na análise de Paulo Arantes (Revista *Cebral* nº 28), o capítulo final da "ideologia francesa". Assim, não é por mero acaso que tanto a escolha dos temas - universalismo e relativismo, nacionalismo e exotismo, etc., quanto a escolha dos autores - o classicismo francês, Lévi-Strauss -, remetem a questões que permitem ao

* Professor de Filosofia na UNESP-Marília/SP.

autor colocar em xeque as premissas do estruturalismo, tratando de modo crítico a ênfase nas diferenças, o anti-humanismo, a eliminação do sujeito, o relativismo das interpretações, etc.

O parâmetro pelo qual Todorov julga a moralidade das diversas doutrinas é, em última instância, a contraposição entre democracia e totalitarismo. É sob a luz desta dicotomia que ele não só avalia as realidades históricas - ou num outro registro teórico, o projeto da modernidade -, como também constrói essa "nova ideologia". Assim, a segunda parte, dedicada às raças e ao racismo, se explica pela intenção do autor de mostrar que o totalitarismo não é filho do humanismo, mas, pelo contrário, tem as suas origens no anti-humanismo francês do séc. XIX.

No capítulo sobre Lévi-Strauss isto vem à tona de forma flagrante: o erro da antropologia estrutural reside na sua rejeição aos princípios do humanismo, ou seja, na recusa em admitir o lugar excepcional do homem na natureza. Ao tomar os direitos do homem como uma questão inseparável da ideologia humanista, Todorov promove, por um lado, um resgate do sujeito, apontando os exageros do estruturalismo que, no afã de destronar a primazia do sujeito, acaba por eliminar qualquer traço de subjetividade. Porém, por outro lado, ao recolocar a questão nestes termos, numa mera inversão das teses de Lévi-Strauss, não consegue evitar uma recaída no antropocentrismo e, por conseguinte, uma colisão frontal com os pressupostos do movimento ecológico.

O neo-humanismo de Todorov se constrói num duplo movimento. Primeiro, trata-se de condenar certas teses, tais como o relativismo, o universalismo etnocêntrico, etc., seja por suas inconsistências lógicas, seja por suas implicações morais. Assim, ao traçar uma linha entre o que pode ser aproveitado e o que deve ser rejeitado em cada autor, Todorov posiciona-se frente aos antecessores, funda uma linhagem. Mas, num segundo momento, a maioria dos autores revisitados pela interpretação do autor parecem coincidir, num ponto essencial, com a sua doutrina. O neo-humanismo assume, então, os contornos de um empreendimento comum, pois Todorov o identifica, em linhas gerais, com o projeto europeu de uma ciência universal. Ao torná-lo, assim, tão abrangente, Todorov fez do seu neo-humanismo uma mera sistematização de lugares comuns predominantes no seio do senso-comum politicamente correto. O recurso à postura moralista, a perda da capacidade especulativa atestam uma banalização: a ideologia francesa criou bons modos, mas em compensação perdeu o vigor, o brilho e o poder de encantamento.